

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

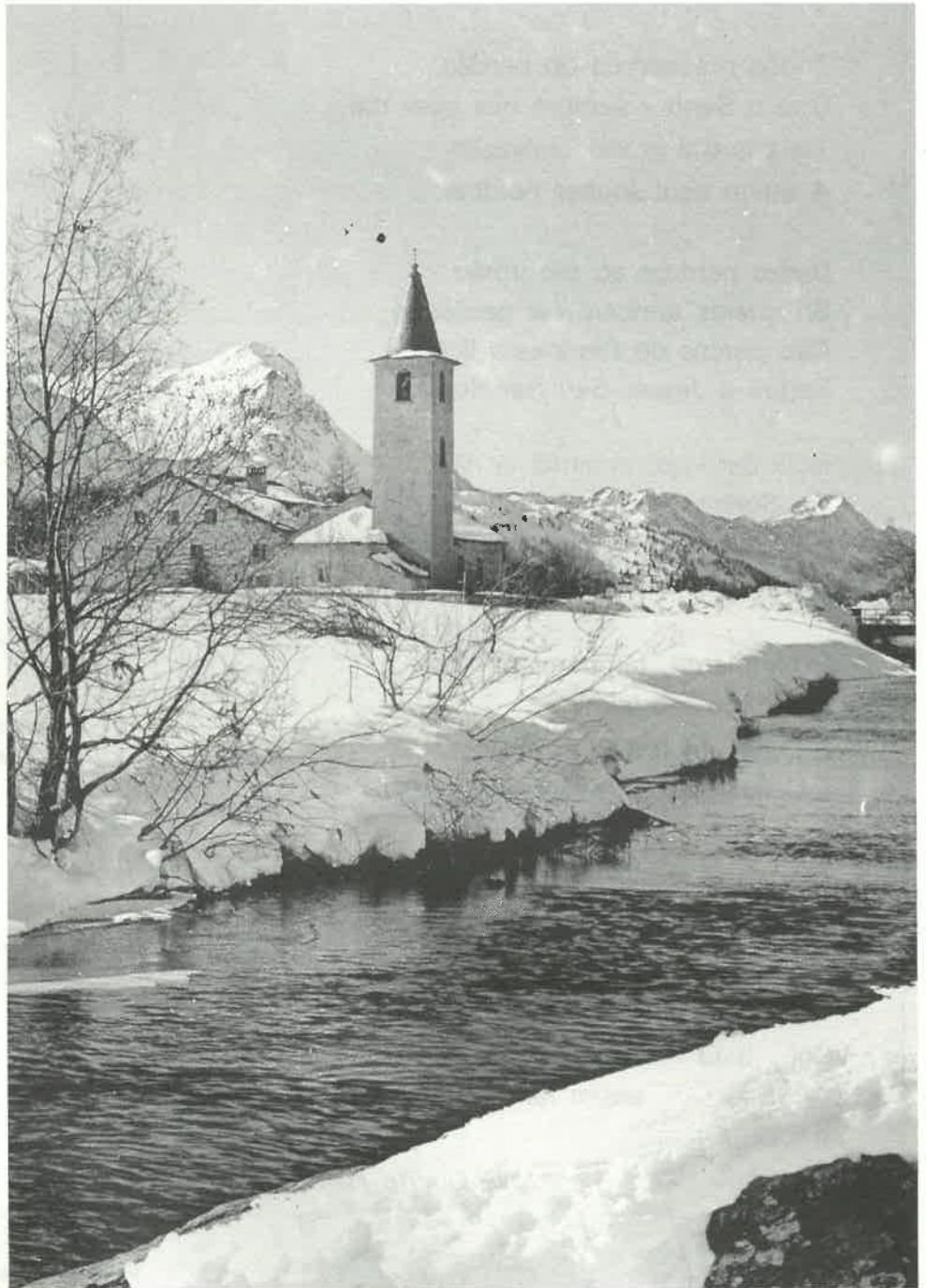
NOVEMBRO/1985

O Terramoto
de Lisboa de
1 de Novembro
de 1755 — I
Pág. 4

Imortalidade
Condicional na
Idade Média
Pág. 6

O Oleiro,
o Barro e o
Vaso
Pág. 9

O Céu sim!
É importante
Pág. 13



O Perdão

O Perdão de Deus assim é
Sempre sinónimo de amor,
Faz o cristão viver na fé .
Tendo a Jesus o Salvador.

Todos precisamos do perdão
Que o Senhor sempre nos quer dar,
Tal como a grande salvação
A quem aqui souber perdoar.

Deves perdoar ao teu irmão
Se queres também ser perdoado;
Não percas de Deus esta lição,
Segue a Jesus, Seu Ser doado.

Hoje perdoas, amanhã já não,
Do Senhor sentença ouvirás;
Não entrarás na Minha mansão
E vida eterna não terás.

Experimenta, também, perdoar
A todo o teu inimigo,
É quem no fim te irá coroar,
É Jesus, teu grande amigo.

Sal. 25:11 — Por amor do Teu nome, Senhor,
perdoa a minha iniquidade.

Luc. 23:34 — E dizia Jesus: Pai, Perdoa-lhes...

Col. 3:13 — Assim como Cristo vos perdoou,
assim fazei vós também.

José Duarte Henriques

Pensamento do mês:

«O Invisível acha-se
ilustrado pelo Visível.»

E. G. White

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Novembro 1985
Ano XLVI • N.º 470

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18
2686 Sacavém Codex
Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual	450\$00
Número Avulso	45\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83

DO PRESIDENTE

Prezados Irmãos:

Desejava partilhar convosco algumas lições tiradas do Inquérito distribuído pelas Igrejas, pastores e membros individualmente. Em primeiro lugar, um agradecimento especial àqueles que devolveram o seu boletim devidamente preenchido. Alguns não o fizeram.

Um grande número expressava a sua preocupação pela frequência diminuta à reunião de oração. Alguns remédios foram apresentados: desde as reuniões por bairros, à sugestão de horas mais convenientes. É interessante a experiência feita por algumas igrejas de realizarem uma reunião de oração a meio da tarde num dia de semana. Outros falam da falta de interesse dos assuntos apresentados nessas reuniões. Outros, ainda, das dificuldades de transportes.

Creio que todos manifestam o desejo de que as reuniões de oração possam ser reactivadas. Que se escolha o melhor dia da semana, com a colaboração de todos os crentes, e se preparem assuntos adequados para ali expor.

Quanto à Escola Sabatina, ela parece continuar a ser o «coração da igreja». Um grande número de irmãos expressou o desejo de que ela demore o tempo exacto, embora deixando à lição o tempo necessário. Seria necessário tornar variada e atraente a Escola Sabatina e a existencia de classes continua a ser o meio ideal para a participação de todos os alunos da Escola Sabatina.

Quanto ao culto, há variadíssimas ideias que gostaria de partilhar convosco. Em primeiro lugar, o tempo de duração do culto: o máximo seria 1 hora, incluindo todo o programa. Creio que nalguns lugares excedemos, o que não é proveitoso.

Quanto aos temas apresentados, há um pedido quase unânime de temas que se relacionem com a crise final, que se aproxima, passando pelos princípios básicos da Igreja Adventista. Existe um profundo sentimento da necessidade de encontrar no culto de Sábado um lenitivo para as agruras e dissabores de uma semana de trabalho. Mesmo quando for necessário falar de temas de advertência, que isso se faça com amor.

Um grande número de crentes fala da falta de música no culto de sábado, e nos outros em geral. A sugestão é que se incentivem coros, grupos corais e solos. Que participem no culto grupos corais de crianças e jovens.

Quanto às reuniões de Domingo, a ideia geral é que deveriam ser restabelecidas em todas as nossas igrejas; e nos grupos, há a sugestão de que, pelo menos uma vez por mês, deveria realizar-se. Essa reunião é voltada para a evangelização e quando comparecem somente membros de igreja, deve ser aproveitada para a apresentação de temas que restaurem a confiança da igreja nos princípios básicos da fé.

Uma grande maioria dos inquéritos recebidos acha que a mudança do culto de Domín-



go para o Sábado ao pôr-do-sol não seria proveitosa.

Há, no entanto, alguns pontos que foram apresentados e que dizem respeito à reverência e ordem na casa de culto. É algo em que precisamos de fazer alguma coisa com urgência e com firmeza.

*É necessário que não haja conversas enquanto decorrem os actos de culto e nos momentos que o antecedem deveríamos esperar em meditação o seu início. Mas a maior falta de respeito é no fim do culto, em que se fica dentro da sala falando, conversando, esquecendo por vezes aquilo que constituiu o nosso acto de adoração. **É necessário estabelecer ordem e reverência nas nossas igrejas.***

Outro tema que surgiu em muitos inquéritos é o descuido de muitos jovens e crianças, e de alguns adultos, no vestuário que levam aos actos de culto. Alguns usam fatos desportivos como se fossem para as suas actividades de ginástica. É necessário renovar a nossa advertência a todos para que o Senhor possa ser louvado também nos actos de culto, com a nossa aparência.

Continua na pág. 19

O Terramoto de Lisboa de 1 de Novembro de 1755 — I

PAULO JORGE MORGADO

Como se sentiu a catástrofe

Era Sábado. O dia surgiu com algum nevoeiro, rapidamente dissipado. O sol brilhava já e a temperatura rondava os 14° às nove horas da manhã. O vento era fraco. Estava um maravilhoso dia de Outono. Nada fazia prever o que iria acontecer.

E, no entanto, na noite anterior, fenómenos «estranhos» haviam-se verificado. As crónicas e as investigações científicas falam-nos de raios luminosos, corpos luminosos, redondas nuvens negras, colunas de fogo.¹

Os fiéis começaram a sair de casa. Procuravam assistir aos serviços religiosos do dia de Todos os Santos. Em busca de protecção, do seu protector, encontraram a morte. Símbolo do oposto que tinham em mente.

São 9:50 h. O sismo com o epicentro a Sul do Algarve inicia a sua acção. Acompanha-o um maroto, que inunda toda a zona Ribeirinha. A destruição começara. É completada pelo incêndio que se inicia pelas 11 horas. Diz-se que, provocado por malfeitores, durou, segundo o Correio Real, 4 dias.

O relato da tragédia fala-nos de um «horror indescritível», de «uma confusão universal e incrível.»

O «Terramoto» como lhe chamaram, testemunhando da sua grandiosidade, cobriu uma área de 4 milhões de milhas quadradas e teria atingido a África, a Europa, a América.²

Segundo Ribeiro Sanches, os efeitos prolongam-se até dezanove de Janeiro de 1756.³

Para a maioria dos historiadores actuais, o número de mortos não ultrapassou vinte mil.⁴

Em face destes dados, é razoável, perguntarmos, acerca das repercussões que o sismo teve no mundo e de um modo particular na Europa.

É facto reconhecido que Portugal vê o desastre de Lisboa como um sinal da justiça de Deus.

Sente-se, também, que o fim do mundo chegara: «Cada um crê tocar o último instante de vida, levantam-se as mãos aos céus, clama-se por misericórdia».⁵

Para Cavaleiro de Oliveira, o que acaba de acontecer a Portugal é, sem dúvida, um castigo de Deus. Reformista, aponta como causas do terramoto, a Inquisição, a Igreja Católica, o próprio Rei. Na prática, visava o culto de imagens, a interdição da

leitura da Bíblia, o tratamento para com os jesuítas.⁶

O Padre Malagrida, por sua vez, aponta o luxo em que se vivia, a vaidade, «os sacrifícios vão», o pouco respeito e a tensão que existiam nos locais de culto, como causas da catástrofe.⁷

A Igreja não faz esperar a sua reacção. Toma a iniciativa de realizar manifestações religiosas com o objectivo de «abrandar a cólera de Deus». Foram procissões, com imagens que não tinham sido atingidas a tomarem o lugar de protectores do povo. As reacções fora de Portugal, também não se fazem esperar. Rapidamente a notícia espalha-se por toda a Europa: 15 dias depois todo o Velho Continente sabe o que sucedeu a Lisboa. Um mês depois a notícia atinge os Estados Unidos.

Na América, o tremor de terra é encarado como um acto da justiça de Deus, como governador moral do mundo. Vê-se nele o arauto da aproximação do fim dos tempos.

A Londres, a notícia chega a 9 de Novembro. O jornal «London Magazine» do dia seguinte dava a notícia. Em Dezembro o mesmo periódico publicava uma série de artigos, em que dava conta dos efeitos do terramoto no norte da Europa. Durante o mês cartas de ingleses residentes em Portugal, provocam um movimento de solidariedade impressionante. A 6 de Fevereiro de 1756 é dia de jejum em toda a nação.

Um parlamentar, reflectindo acerca do Terramoto, dizia: «O mundo paga a negligência pelo ensino de Moisés e perguntava-se se Deus não iria provocar outros sismos à volta do globo face à indiferença e à desobediência geral».⁸

John Wesley, por seu lado, afirmava peremptório, que «Deus julga o mundo»⁹. Espanha é um dos países mais atingidos. Aqui, porém, a discussão toma um cariz mais científico. Procura-se uma explicação racional do sinistro. Vai-se do sobrenatural até à ideia de que a electricidade era a causa.

Se, de um modo geral, os tremores de terra eram tidos como originados na cólera divina, o bispo Gaspar Villarel, de Santiago do Chile, afirma que os sismos não são sempre punições para os pecados dos habitantes das cidades atingidas.¹⁰

As repercussões em França são notáveis. Le Brun, poeta, fez um poema dedicado ao Tremor de Terra onde chama Lisboa «rainha dos mares e não existindo mais». A notícia da morte do neto do conhecido Racine, leva Le Brun a escrever o célebre «Sur la cause physique des tremblements de terre et sur la mort du jeune Racine».

PAULO JORGE MORGADO

Pastor das Igrejas de Almada, Paiva e Corroios e Director do Departamento de Comunicação da União Portuguesa.

É porém com Ange Goudard que a Historiografia sobre o terramoto atinge o expoente. Aponta o papel da Inquisição em Portugal e Espanha como a razão de ser do terramoto: «Atingir Lisboa e Sevilha, 2 das principais sedes da Inquisição, é atingido o coração do mal». ¹¹⁾

Emanuel Kant presta grande atenção sobretudo a nível científico. Em 1756, saem os primeiros opúsculos que vão constituir «os Ensaios de Kant a propósito do Terramoto de 1755». Põe em dúvida a Teodiceia e condena a interpretação segundo a qual o desastre seria um castigo.

Também Emile Rondet dedica uma obra ao desastre. ¹²⁾ Acentua a ideia de que Deus ameaça os homens com o objectivo de «preveni-los da sua cólera e evitando a sua vingança». ¹³⁾

Na sua opinião é necessário reconhecer o plano de Deus, descobrir a mensagem que o Senhor deseja comunicar.

Ao longo da sua obra, Rondet põe em realce a filosofia divina do castigo.

O modo como a Suíça vê o Terramoto, sendo, essencialmente, idêntico, tem pressupostos diferentes. Estamos num país protestante.

O Pastor Elie Bertrand, em Berna, é tocado pelo que acontece em Lisboa. Pronuncia várias homilias. Na sua essência, as razões invocadas têm a ver com a pouca sinceridade na prática religiosa. O que era importante, na sua perspectiva, tinha a ver com uma reflexão, meditação sobre o acontecido. Reconsiderar as relações com Deus.

Um outro pastor, este de Bex, François Louis Allamand pensava que a causa estava no homem.

Voltaire merece um destaque particular. O Sismo leva-o a meditar, de modo acentuado, sobre o pessimismo e o optimismo. Vivia obcecado com o sofrimento da humanidade. A Catástrofe era o que lhe faltava para despontar a discussão que o envolveria a ele, Jean-Jacques Rousseau e a tese de Leibniz com «Teodiceia» (1713) e Pope com «Essay on Man» (1733).

O Poema sobre o desastre de Lisboa é o ponto de partida. Numa carta dirigida a Voltaire por Jean-Jacques Rousseau, em que este fazia uma análise daquele poema e que aquele publicara, sem permissão, vai servir de início do debate que os vai opôr. Voltaire via em Deus a fonte da vida e da matéria. O Mundo explica-se por Deus, Causa primeira. Este não está ao nosso alcance, não podemos, assim, conhecê-lo. Fundador da Moral, nada pode existir para além dele. A sua visão racionalista estava aqui implícita.

Rousseau, sentimentalista, pensa que é pelo coração que se pode atingir Deus. A religião é uma questão pessoal, tinha uma influência sobre a moral. O Homem naturalmente bom, corrompe-se pelo contacto com os outros. Torna-se, assim, responsável dos males ¹⁴⁾ Neste mesmo contacto, não se pode olvidar a obra voltariana, «Cândido», dedicada ao Terramoto. Considerada uma obra-prima, encontra-se nela o mundo tal como é.

A influência do Sismo, na Suíça faz-se sentir, também, a nível da arte. Para além de outros trabalhos, mencionamos uma série de desenhos feitos por um luso-helvético Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo. É uma imagem possível de Lisboa após o Sismo.

Em Itália, Varano, então em Lisboa, afirma que a Causa do Terramoto foi «a pouca afeição dos Portugueses pelas suas Igrejas» ¹⁵⁾

Os Países Baixos vêem a tragédia numa perspectiva diferente: «a adesão de Lisboa à idolatria papal ter-lhe-ia causado a visitação». A ideia protestante é bem explícita.

Sintetizando, diremos que o que atrás ficou dito tem uma apreciável identidade de apreciação sobre o que aconteceu em Lisboa. O Terramoto teria provocado uma onda de interrogações sobre o porquê do desastre. Entre as muitas maneiras de formular as respostas encontramos um fio condutor: Deus terá aplicado a Sua justiça. Porquê?

O povo, ao longo da sua prática religiosa, da sua vida do dia a dia, havia posto o ideal evangélico de lado.

Através do Tremor de Terra, o povo de Lisboa e não só (o impacto na Europa é disso testemunha) deveria reflectir sobre a sua conduta, a sua maneira de viver a fé.

Indiscutivelmente, o Tremor de Terra do 1.º de Novembro de 1755 marca uma época nos mais diversos domínios. As repercussões da Catástrofe vão ser determinantes nos anos seguintes no modo de sentir e viver a fé cristã.

O sexto selo aberto, uma época nova, sob uma perspectiva profética se abria.

Notas:

1. «Le Tremblement de Terre de Lisbonne du 1er Novembre 1755 et Les Phénomènes Cosmiques», *Revue de La Société Géologique de France*, 13, 1930. *Relação Histórica do Terramoto de Lisboa. Séc. 18.* B.N.L. código 607, p. 201-207
2. *Terramotos notáveis de todos os tempos. Terramoto de Lisboa em 1755.* B.N.L. código 599
3. Ribeiro Sanches, António — *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos. Cartem Appendix. Considerações sobre os Terramotos.* Lisboa 1757
4. Oliveira Marques, A.H. *História de Portugal*, vol. 2 fala de 18.000, citando o Padre António Sacramento. Reconheça-se o cuidado científico de Joaquim José Moreira de Mendonça que procura o número de mortos em todos os bairros. Veja-se ainda a opinião de Thomas Kendrick, *The Lisbon Earthquake*, New York, Lippincott 1955
5. Oliveira, Francisco Xavier — *Discours Pathétique au sujet de Calamités arrivées au Portugal*, Londres, P. Vaillant, 1756, p. 1
6. Opúsculos contra o Santo Ofício. Coimbra, 1942.
7. Malagrida, Pdr. *Julgo da verdadeira Causa do Terramoto que padeceu a corte no 1.º Novembro de 1755*, Lisboa. Oficina Manuel Soares. 1756, p. 8, 9
8. Dankins, James — *Reflexions physical and moral upon the various phenomenons*, Londres, 1756
9. Wesley, John — *Serious thought occasioned by the Earthquake at Lisbon*, 2 ed. Bristol, 1755 p. 45
10. *Governo Ecclesiastico Pacifico*. Madrid, 1758 p. 581
11. Goudard, Ange — *Relation Historique du Tremblement de Terre survenu à Lisbonne le 1er Novembre 1755*. La Haye Philantropie, 1756 p. 79
12. Rondet, Emile — *Reflexions sur le désastre de Lisbonne*. Paris 1756/1757 verité
13. Op. cit., p. 2
14. Rousseau, Jean-Jacques — *Oeuvre Conflicts*, vol. 4, Bibliothèque de La Pléiade, Paris, Gallimard, 1969, p. 1060-1070. Voltaire, *Voltaire's Correspondance* vol. 28, Genebra Institut et Musée Voltaire, 1917
15. Roscioni, Giancarlo — *O Terramoto de Lisboa de 1 de Nov. 1755*. Separata 100. Lisboa. Câmara Municipal 1964, p. 10

Imortalidade Condicional na Idade Média

ARMANDO COTTIM

Importa que comecemos por definir o vocabulário que vamos empregar. Designamos por «imortalidade condicional» o ensino bíblico segundo o qual o ser humano é um todo indivisível, uma alma vivente (para fazer eco da expressão bíblica¹). A imortalidade é, neste contexto, um dom de Deus, dado na condição de existir fé em Cristo.

Estaria fora do objectivo deste artigo o estudo dos textos bíblicos acerca do assunto; outros o fizeram, com mais qualidade². A pretensão destas linhas é, unicamente, mostrar que, mesmo na escura Idade Média, não faltaram os defensores da imortalidade condicional.

Sofrónio — Patriarca de Jerusalém

Sábio monge de Damasco, posteriormente radicado em Jerusalém, Sofrónio tornou-se notado como escritor religioso, mestre e incansável campeão da ortodoxia. Em 634 dC foi escolhido para patriarca de Jerusalém, sendo ele o responsável da Igreja local quando a cidade caiu em poder dos sarracenos, em 637 dC.³

Considerando que, vindas da Alexandria, estavam a entrar na Igreja teorias filosóficas herdadas do Neo-platonismo, Sofrónio decidiu combatê-las.⁴

Assim, pouco tempo após a sua elevação ao patriarcado, Sofrónio escreveu uma longa carta pastoral de protesto contra essas e outras heresias que se introduziam e dividiam a Igreja.

Nessa pastoral, Sofrónio deixava claros os pilares da sua fé em assuntos como a Trindade e a natureza de Cristo — os quais

eram motivo de acesa controvérsia — e fez afirmações simples mas objectivas acerca da imortalidade da alma. Lemos: «A alma dos homens não tem imortalidade natural; é por um dom de Deus que os homens recebem a garantia da imortalidade e da incorruptibilidade.»⁵

Enviada ao papa, esta carta pastoral foi reprovada.⁶ Tendo os sínodos tomado posições sobre os assuntos em debate, notou-se que as congregações mais distantes não acatavam as disposições sinodais. Tudo foi, finalmente, abafado e a missiva do patriarca de Jerusalém ficou esquecida até algumas décadas depois.

Em 680 dC, o imperador convocou o 3.º Concílio de Constantinopla, movido por um louvável intuito de restabelecer a unidade no seio da Igreja. Durante este concílio, a carta — longa de vinte e uma páginas — escrita por Sofrónio, voltou a ser lida, tendo entrado nos registos da décima-primeira sessão do concílio.⁷

Sofrónio, uma voz que se levantou, no século VII, em defesa da imortalidade condicional.

Nicolau — Bispo de Métona

O tempo passou e os filósofos neo-platónicos pagãos continuaram a ver as suas teorias filosóficas serem aceites pelo Cristianismo, como doutrina, em detrimento da revelação.

A situação de obscurantismo religioso e deturpação doutrinal levou Nicolau a procurar levantar o pendão da primitiva fé bíblica em plena Idade Média, no século XII.

Procurando refutar a obra de Proclo, um dos últimos filósofos neo-platónicos pagãos, o bispo de Métona quebrou o silêncio para fazer afirmações claras da sua

compreensão da imortalidade, tais como:

Quando qualquer ser criado é imortal, não o é através dele próprio, nem por ele próprio, mas pela bondade de Deus; porque tudo o que é feito e criado tem um princípio, e retém a existência somente através da bondade do Criador.⁸

Embora concílios e papas já tivessem dado o seu apoio à teoria filosófica da imortalidade da alma, Nicolau ainda levantou a voz para apresentar o que fora revelado na Palavra de Deus.

João XXII — Um Papa ousado

Não podemos considerar que João XXII tenha sido um defensor da imortalidade condicional. A posição que defendeu merece, no entanto, ser conhecida.

Importa que lembremos alguns factos históricos. Depois do ponto alto vivido no século XIII, a Igreja começou a viver o período de declínio. Dado que o estado francês aumentava de poder, a Igreja ressentiu-se desse facto. Assim, muitos dos cardeais e, mesmo, vários papas foram de origem francesa. Pela iniciativa desses papas, a sede da Igreja foi mudada, de Roma para Avignon, em França.

Eleito papa em 1316, João XXII fora bispo de Avignon e cardeal do Porto. Foi o mais celebrado dos chamados papas de Avignon, embora o seu pontificado tenha sido marcado por muitos conflitos, tanto teológicos como políticos.

Nos últimos tempos do seu pontificado, João XXII envolveu-se numa disputa teológica aguda, afirmando que as almas não vão imediatamente para a presença de Deus após a morte, mas sim depois da ressurreição do corpo, e do julgamento.

ARMANDO COTTIM

Redactor da Casa Publicadora

Acusado de heresia pelos teólogos dominicanos e pela Universidade de Paris, João XXII não aguentou a pressão e, pouco tempo antes de morrer, em 1334, retratou-se das afirmações feitas.⁹

O seu sucessor, Benedito XII, procurando manter o padrão corrente de ensino, afirmou que só aqueles que não passam pelo purgatório vão directamente para a presença de Deus.¹⁰ Esta precisão, porém, não eliminou a fuga à «ortodoxia» que a afirmação de João XXII representara.

Conclusão

Nos meios exteriores ao Cristianismo encontramos outros que, nesta época, se negaram a aceitar a imortalidade da alma. Entre os árabes, por exemplo, encontramos Abul Walis Muhammed ben Ahmad ibn Roshd, mais conhecido por Averróis.¹¹ Os

Mestres Judeus Moisés Maimónides¹² e Isaac ben Judah Abranavel,¹³ também negavam a teoria filosófica que fora aceite pelos cristãos.

Outros cristãos levantaram a sua voz contra a espúria teoria, embora sem sucesso. Os três apontados são, porém, expoentes da Igreja, que importava conhecer.

Bibliografia

- 1 Cf. Génesis 2:7 u.p.
- 2 Cf. Carlos A. Trezza, *A Suprema Esperança do Homem*, Sacavém, Publicadora Atlântico, SARL, s.d.
- 3 Foi, inclusive, o escolhido para assinar a humilhante capitulação da cidade.
- 4 Cf. Lewis Elies Du Pin, «Sophronius», *A New History of Ecclesiastical Writers: Containing an Account of the Lives and Writings of the Primitive Fathers; A Judicious Abridgement and a Catalogue of all their works; With Censures Determining the Genuine and Spurious: And a Judgement upon their Style and Doctrine: Also their various Editions. Together with a Compendious History of the Councils* (London, Edw. Jones for Abel Smalle and Tim. Childe, 1936), vol. 4, p. 17
- 5 Citado por Charles A. Swainson, *The Nicene and Apostles' Creeds, Their Literary History; Together With an Account of the Growth and Receptions of the Sermon on the Faith Commonly Called «The Creed of St. Athanasius»*, (London, John Murray, 1875), p. 250

6 Cf. Henry J. Schroeder, *Disciplinary Decrees of the General Councils, Text, Translation, and Commentary*, (St. Louis, Mo., and London, England, B. Herder Book Co., 1937), pp. 136, 137

7 Cf. C.A. Swainson, *op. cit.*, pp. 249, 250

8 Citado por K.R. Hagenbach, *Compendium of the History of Doctrines*, (Edinburg, T. & T. Clark, 1858-1859, 3.ª ed.), vol. 2, pp. 4, 5

9 Cf. Oswald J. Reichel, *The See of Rome in the Middle Ages*, (London, Longmans Green and Co., 1870), pp. 42, 422, nota 1; Archibald Bower, *The History of the Popes...to AD 1758*, (Philadelphia, Griffith & Son, 1845-1847), vol. 3, pp. 86, 87; Mandell Creighton, *A History of the Papacy During the Period of the Reformation*, (Boston, Houghton, Mifflin & Co., 1882), vol. 1, pp. 33-42; Samuel Edgar, *The Variations of Popery*, (London, R.B. Seeley and W. Burnside, 1838), pp. 79, 80

10 Cf. John W. Draper, *History of the Intellectual Development of Europe*, (New York, Charles Scribners' Sons, 1938), vol. 2, p. 84

11 Cf. Peter Bayle, *The Dictionary Historical and Critical of Mr. Peter Bayle. The Second Edition, Carefully collated with the several Editions of the Original; in which Many Passages are restored, and the whole augmented, particularly with a Translation of the Quotations from eminent Writers in various languages, to which is prefixed, The Life of the Autor, Revised, Corrected, and Enlarged, by Mr. Des Maizeaux, Fellow of the Royal Society*, (London, s. ed., 1734, 2.ª ed.,) vol. 1, pp. 552-561 e Ernest Renan, *Averroës et l'Averroïsme. Essai Historique par Ernest Renan, Membre de l'Institut*, (Paris, Colman Levy, 3.ª ed., 1882), pp. 119-125

12 *Yad Hachazaka Hilchot Teshubah*, citado por Edward White, *Life in Christ; a Study of the Scripture Doctrine on the Nature of Man, the Object of the Divine Incarnation, and the Conditions of the Human Immortality*, (London, Elliot Stock, 1878) p. 222

13 *Miphalat Elohim*, vii 6

Exortação à Santificação do Sábado

Relatório da Comissão encarregada do estudo sobre a Observância do Sábado

Foram apresentados doze documentos, devendo estes servir de base para as discussões e facilitar a formulação duma declaração clara e compreensível concernente à observância do sábado.

Ao redigir a sua declaração, a Comissão manteve-se consciente das diferenças culturais e ideológicas que deveriam ser tomadas em consideração, às quais as nossas comunidades adventistas têm de fazer face no exercício da sua fé.

Reconhecida a complexidade do assunto, logo a Comissão deu conta do facto de lhe ser impossível conseguir tratar a fundo todas as questões relativas à observância do sábado. Por conseguinte, foi decidido limitar os debates aos aspectos mais importantes dos temas seguintes: (1) O fundamento bíblico e teológico da observância do sétimo dia; (2) A observância do sábado em face de contextos sociais e ideológicos diferentes; e (3) A observância do sábado numa época de evolução ascendente no domínio da tecnologia. A Comissão, no decurso do seu estu-

do, dedicou uma atenção especial à «Declaração do conselho Anual de 1969», intitulada «A observância do sábado». Foram extraídas algumas passagens daquela declaração e incluídas no novo documento. A Comissão reagrupou a vasta gama das dificuldades ligadas à observância do sábado em quatro grupos:

1. O lar e a vida familiar
2. A observância do sábado e as actividades recreativas.
3. As igrejas e as instituições da Obra
4. Empregos e negócios

Quatro subcomissões retomaram, cada uma delas, apenas um destes assuntos. Dos seus estudos resultou a presente Recomendação, sendo esta ainda precedida duma Declaração de princípios e da teologia do sábado.

A seguir ao encontro de St. Albans, esta declaração foi transmitida pelas vias normais aos dirigentes da Obra por ocasião do conselho anual de 1983. Na Primavera de 1984, a mesma foi apresentada e discutida no Colóquio da Conferência Geral, enquadrado na Sessão de Primavera, a fim de ser submeti-

da aos oficiais da Conferência Geral, para aprovação. Mais tarde viria a ser apresentada na Sessão anual de 1984, bem como na Sessão plenária da conferência Geral em 1985, antes de ser posta em livre circulação entre todos os membros da igreja.

Objectivo e perspectiva

O primeiro objectivo do documento relativo à observância do sábado consiste em fornecer conselhos e directivas aos nossos membros que se sintam ávidos duma experiência mais rica e intensa relativamente à sua observância do dia de repouso bíblico. É de esperar que o trabalho que nesse sentido foi realizado possa produzir um impulso na direcção duma verdadeira reforma nos meios adventistas em todo o mundo, no que se refere à observância do sábado.

Consciente do facto de que a comunidade adventista, no plano mundial, encontra, por observar o dia do Senhor, inúmeras dificuldades emergentes de determinados contextos culturais e teológicos, quis a Comissão debruçar-se sobre essas dificuldades quando tratou de redigir a sua declaração.

Não obstante o presente documento reflectir, incontestavelmente, algumas das opiniões expressas pelos membros da Comissão, convém sublinhar o facto de que os princípios básicos nele formulados são os mesmos que se lêem na Bíblia e nos escritos do Espírito de Profecia.

É caso para se desejar que os conselhos contidos na declaração venham a demonstrar-se úteis. Porém, em último caso, as decisões tomadas pelos crentes em circunstâncias difíceis devem ser motivadas pela sua fé pessoal e confiança em Jesus.

Princípio e teologia da observância do sábado

Natureza e objectivo do sábado. A origem do sábado remonta à Criação, tendo Deus repousado da Sua obra no sétimo dia (Gén. 1 a 3). O sábado viria a tornar-se um sinal perpétuo da aliança eterna contraída entre Deus e o Seu povo, a fim de que este conhecesse Aquele que o criou (Êxodo 31:17), que o santificou (Êxodo 31:13; Ezeq.20:12), e pudessem reconhecer n'Ele o Senhor, seu Deus (Ezeq. 20:20).

Característica ímpar do sábado. O sábado oferece ao homem uma ocasião especial para adorar a Deus como Criador e Redentor, e como Senhor da Vida, com quem a família humana de novo se reunirá por ocasião da segunda vinda. O mandamento relativo ao dia de repouso constitui o núcleo da lei moral e o selo da autoridade divina. Uma vez que é um símbolo das relações de amor que Deus estabeleceu com os Seus filhos neste mundo, os seres humanos têm a obrigação de respeitar esse dom, no sentido de fazerem tudo o que lhes seja possível para o exaltar e de se preocuparem unicamente com assuntos que suscitem e realcem o valor dos laços profundos que os unem ao Autor desse dom. Por conseguinte, deverão apenas entregar-se a actividades que possam elevar-lhes o pensamento para Deus

e para os seus semelhantes, e não a ocupações próprias para satisfazer o seu egoísmo.

Universalidade do sábado. A universalidade do sábado mergulha as suas raízes na Criação. É por esta razão que os privilégios e as obrigações decorrentes desse santo dia englobam todos os povos, todos os continentes e todas as classes humanas. (Ver Êxodo 20:11; 23:12; Deut. 5:13; Isaías 56:1-8). A observância do sábado diz respeito a todos os membros do lar, incluindo as crianças, e estende-se até mesmo ao «estrangeiro que está dentro das tuas portas» (Êxodo 20:10).

Quadro cronológico do sábado. Indicação bíblica: o sábado começa no fim do sexto dia da semana e dura um dia, desde uma tarde até outra tarde (Gén. 1; Marcos 1:32). Essa hora coincide com a do pôr-do-Sol. E quando não seja possível saber qual o momento exacto em que o Sol passa o horizonte, o observador do sétimo dia entrará no sábado ao fim da tarde.

Objectivo da observância do sábado. Se bem que a Bíblia não nos dê uma explicação absoluta para todas as questões de pormenor no tocante à observância do sábado nos nossos dias, fornece-nos no entanto alguns princípios de ordem geral que se podem aplicar hoje. Por exemplo, que «nenhum trabalho que vise prazer ou proveito mundanos, é lícito nesse dia.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 148, «Betesda e o Sinédrio»; cf. Êxodo 16:29; 20:8-11; 34:21; Isaías 58:13; Neem. 13:15-22). Isto não quer dizer que o conceito bíblico proíba toda e qualquer acção. O Antigo Testamento, bem como o Novo, convida-nos a ocuparmo-nos do bem-estar do nosso próximo ou aliviar os sofrimentos, pois o sábado é um dia bom para todos, particularmente para os humildes e os oprimidos (Êxodo 23:12; Mat. 12:10-13; Marc. 2:27; Luc. 13:11-17; João 9:1-21).

Entretanto, nem mesmo as boas obras realizadas no sábado devem minimizar a intenção bíblica da sua observância, a saber, o repouso (Gén. 2:1-3). Existe o repouso físico (Êxodo 23:13) e o repouso espiritual em Deus (Mat. 11:28). Este último aspecto leva aquele que guarda o sétimo dia a procurar a presença de Deus e a Sua comunhão através da adoração (Isa. 48:13), seja meditando tranquilamente (Mat. 12:1-8), seja na assembleia dos fiéis (Jer. 23:32; 2 Reis 4:23; 11:4-12; I Crón. 23:30 e seg.; Isa. 56:1-8). O objectivo do repouso consiste em reconhecer Deus como Criador e Redentor (Gén. 2:1-3; Deut. 5:12-15), e, do círculo familiar fechado, estende-se à assembleia duma grande comunidade (Isa. 56:1-8).

O sábado e a autoridade da Palavra de Deus. Ellen White salienta que o mandamento do sábado é singular, porque encerra o selo da lei de Deus. «Unicamente este, entre todos os dez, apresenta não só o nome mas o título do Legislador. Declara ser Ele o Criador dos Céus e da Terra, e mostra, assim, o Seu direito à reverência e culto, acima de todos. Afora este preceito, nada há no decálogo para mostrar por que autoridade a lei é dada.» (*O Conflito dos Séculos*, pág. 330, «Uma obra de reforma»).

O sábado é um sinal dado pelo Criador para mostrar que esse dia Lhe pertence e que Ele é seu Senhor. Observando-o fielmente, damos então testemunho da nossa aceitação do Deus Criador e Proprietário de todas as coisas, e reconhecemos a Sua autoridade sobre toda a Criação, incluindo a nossa própria pessoa. A observância do sábado baseia-se na autoridade da Palavra de Deus, e não existe outra razão lógica que possa ser dada a este respeito.

Assim se oferece ao ser humano uma plena liberdade de entrar em relação com o Criador do Universo, como faria com um amigo íntimo.

É verdade que, em certos momentos ou determinadas circunstâncias, os observadores do quarto mandamento podem ter de enfrentar provações devidas à sua determinação de preservar a santidade do sábado. Aqueles que não reconhecem Deus como seu Criador julgarão arbitrário ou inexplicável que alguém possam abster-se de todo o trabalho num dia exacto, por razões puramente religiosas. No entanto uma escrupulosa observância do sétimo dia confirma a decisão tomada de obedecer ao mandamento que Deus deu a este respeito, e a vontade de viver de acordo com a Sua Palavra. Nos últimos tempos, o sábado constituirá a pedra de toque para o crente, que terá que escolher entre a submissão devida a um preceito divino ou ao poder humano (Apoc. 14:7, 12).

O sábado — uma salvaguarda das nossas relações com Deus. O Sábado constitui o enquadramento de todos os nossos contactos com Deus, e também nos revela a Sua intenção de amor a nosso respeito, no passado, no presente e no futuro. O sábado protege os laços de amizade entre o homem e o seu Pai celeste e garante o tempo necessário ao desenvolvimento da nossa amizade. Além disso, o sábado definiu a relação «Deus — família humana», lembrando quem é o Criador do mundo, numa época em que há homens que tendem a usurpar essa prerrogativa.

Num século marcado pelo materialismo, o sábado orienta homens e mulheres para o que é espiritual e pessoal, pois o esquecimento da santidade do dia do Senhor ameaça engendrar uma deformação, ou até mesmo a abolição da comunicação pessoal com o Pai.

O facto de guardar o sétimo dia testemunha da paz de que goza a alma que se confia a um único Sustenedor, Salvador e Autor da nossa esperança quanto ao futuro. Visto sob este ângulo, o sábado é uma delícia, porque entramos no repouso de Deus e aceitamos o Seu convite para comungar com Ele.

Se Deus nos pede que recordemos o dia do sábado, mesmo no século XX, fá-lo porque deseja que, ao mesmo tempo, nos lembremos d'Ele.

O Oleiro, o Barro e o Vaso

VITOR ALVES

Este nosso trabalho foi inspirado no texto de Jeremias 18:1-6, que diz o seguinte: «A Palavra do Senhor, que veio a Jeremias, dizendo: levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras. E desci à casa do oleiro e eis que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas. Como o vaso, que ele fazia de barro, se quebrou na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos seus olhos fazer.

«Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Não poderei eu

fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? diz o Senhor. Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel».

Não é nossa intenção fazer uma grande descrição nem nenhum tratado sobre cerâmica, mas apenas uma simples reflexão sobre esta tão importante descoberta do homem antigo.

O que entendemos por cerâmica? Cerâmica será louça de barro; artefacto que maior importância apresenta para os Arqueólogos pela sua virtual indestrutibilidade e pela sua utilidade na comparação de culturas, reconhecimento de relações comerciais e na datação de estações arqueológicas.

O homem antigo usava para

transportar os seus produtos, tais como cereais e líquidos, malgas de mármore, tigelas de pedra polida com veios e taças, cestaria, peles de animais, madeira e couro.

No entanto estes últimos recipientes, muitas vezes, por causa das intempéries e respectivo transporte, acabavam por destruir o próprio produto que protegiam. Por exemplo, por causa da chuva, sol, vento e o próprio transporte, as peles de animais apodreciam.

Assim, e como simples exemplo, na cidade de Jericó no séc. XVIII a. C. surgem como novidade umas tigelas finas e pratos calcários... Entretanto, neste lugar a cerâmica era desconhecida.

Em Jarmo, no Crescente Fértil, aparece uma cerâmica de pasta de

VITOR ALVES

Âncião da Igreja de Oliveira do Douro e Responsável dos Desbravadores. Frequenta o 3.º ano do Curso Superior de História.

barro misturado com palha não pintada, com jarros e tigelas de asas verticais e aparece em tal quantidade que sugere fabrico local.

A cerâmica teve também a sua evolução assim como as suas formas. Na época antiga e na Península Hispânica já é vulgar o uso das ânforas púnicas ou ibero-púnicas no séc. V-IV a. C.. As ânforas eram recipientes cerâmicos que serviam para transportar produtos sólidos ou líquidos, nomeadamente cereais, frutos, molhos e conservas várias e, sobretudo, azeite e vinho. Estas ânforas foram muito divulgadas em todo o vasto Império Romano (séc. I a.C.). As cerâmicas helenísticas e romanas chamadas «TERRA SIGILLATA», cujo nome é convencional, seguíam o ritmo das legiões romanas e muitas vezes chegavam primeiro aos locais onde eram pedidas ou compradas.

Em termos cronológicos, esta cerâmica aparece a partir do séc. II a.C. até finais do séc. II d.C. ou seja durante 4 séculos. Esta cerâmica deu possibilidade de distinguir os fabricos não só em relação aos centros de fabrico, mas também a cada oficina, seus operários e oleiros, que colocavam as suas marcas em cada peça fabricada.

Na época medieval e a partir do séc. XI, com a generalização do torno rápido, accionado pelo pé do oleiro, vulgarizaram-se as peças feitas de um só fôlego, reservando o fabrico em várias fases para as peças de grandes dimensões. Não se conhecem casos de marcas de oleiro. Muitas destas peças de que falamos perduraram por muito tempo chegando até aos nossos dias.

Assim, através desta muito pequena explicação sobre cerâmica, vemos que na realidade a obra do oleiro é tão antiga como o próprio homem.

É dentro deste contexto que o profeta nos lança o apelo. «Levanta-te e desce, vai à casa do oleiro e ouvirás as minhas palavras». Esta foi uma das maneiras pelas quais Deus se comunicou ao homem. Vai aprender com o oleiro, vai ver como ele faz, qual o mate-

rial que utiliza, vai ver a obra que sai das suas mãos.

O trabalho do oleiro é moldar o barro mole e húmido, a que os dedos dão forma, transformando-se, pelo fogo, numa substância dura, num recipiente onde se pode guardar cereal e cozinhar ou até numa obra prima de escultura em barro.

A matéria prima utilizada pelo oleiro é o barro. No entanto, que espécie de barro o oleiro pode trabalhar? Nem todo o barro é próprio para cerâmica. O barro puro não pode ser utilizado, por isso se juntava à argila um «desengordurante», sob a forma de palha cortada miúda, de areia, fragmentos de calcário, etc. Alguns tipos de argila precisam de ser limpos das impurezas, outros de ser misturados entre si para a finalidade em vista e de acordo com o tipo de cerâmica pretendida.

Isaías diz-nos: «Mas agora, Senhor, tu és nosso Pai; nós o barro e tu o nosso Oleiro; e todos nós obras das Tuas mãos»¹

Segundo Jeremias, o vaso que o oleiro fazia quebrou-se, o que nos leva a pensar que a porção de barro que estava a ser utilizada não era muito promissora; ficamos com uma primeira impressão de que o oleiro não teve grande êxito. Porquê? Por dois motivos fundamentais. Primeiro pela consistência do barro, a qual podia não estar exacta. Segundo, poderia dar-se o caso de o barro ter alguns corpos estranhos. A atitude normal de um oleiro numa situação destas, é deitar fora a porção de barro ou corrigi-la. No entanto o oleiro de Jeremias foi mais prudente: pacientemente, «tornou a fazer dele outro vaso» e assim se realizou o sonho do oleiro.

Quantas vezes o Oleiro Divino é impedido de fazer de nós o que gostaria que nos tornássemos! Será culpa do Oleiro? Não, a culpa é do barro. Graves defeitos são encontrados na argila, os quais podem ser transportados figuradamente para a vida espiritual de cada cristão.

Assim, temos o primeiro defeito que é a consistência. Se em cerâmica a consistência do barro tem que ser exacta, na nossa vida espiritual temos que ter a certeza da

nossa consistência como crentes, isto é, a nossa fé.

Que consistência tem a nossa fé? Teremos nós uma fé de credulidade? Cremos na verdade porque outros à nossa volta também crêem ou fomos criados nela? Outros podem crer na verdade por causa das suas provas externas — milagres, profecias, etc., e esta é a chamada fé especulativa. Há aqueles que crêem porque as verdades bíblicas se recomendam à sua razão e consciência e acordam com a própria experiência interna; esta é a fé baseada em provas morais.

No entanto, outros sentem e amam a excelência da verdade cristã, que é baseada na intrínseca beleza e adaptação às necessidades. Esta é a fé espiritual que é dom de Deus.

Fé é crer implicitamente em Deus, nas Suas promessas e na Sua verdade. Fé não é sentimento.

Ellen White diz: «Muitos dentre nós andam pela vista, e não pela fé».²

A verdadeira consistência da nossa fé encontra-se magistralmente definida nas seguintes palavras inspiradas de Ellen White: «Encontro-me em grande angústia de alma por nosso povo. Vivemos entre os perigos dos últimos dias. Uma fé superficial resulta em uma superficial experiência cristã... Todos devem ver a necessidade de compreender as doutrinas que têm sido estudadas cuidadosamente e com oração. *Foi-me revelado que há entre o nosso povo grande falta de conhecimento quanto ao surgimento e progresso da mensagem do 3.º Anjo. Há grande necessidade de examinar o livro de Daniel e o de Apocalipse, e aprender cabalmente os textos, para que possamos saber o que está escrito.*»³ Estamos agora em condições de responder à questão formulada. Qual é a consistência da nossa fé?

Entretanto, havia outro problema, o qual era a possibilidade de estar presente no barro algum corpo estranho. Em cerâmica, os elementos estranhos à argila fazem da obra (vaso) uma peça fraca e

com o tempo acabará por se destruir por si própria.

Na nossa vida espiritual esses corpos estranhos são os nossos pecados. «Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o *Seu* rosto de vós para que vos não ouça» 4. «Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiça como trapos de imundícia; e todos nós cámos como a folha, e as nossas culpas como um vento nos arrebatam» 5.

Saulo de Tarso era teimoso como o barro. Era arrogante, cruel, obstinado e decididamente resolvido em seus objectivos de destruição, até que surge o Oleiro-Mestre. Este vaso, de formas irregulares, foi refeito e tornou-se um objecto de beleza.

Nem todas as vidas são remodeladas tão dramaticamente como essa de Paulo. No entanto, o Oleiro-Mestre permanece junto à roda... «Tornou a fazer dele outro vaso».

Milhares de cristãos atestam que a obra de Deus lhes transformou a vida.

Será que Deus nos está a trabalhar? Dar-se-á o caso de sermos um barro duro, arrogante, impossível de modelar?

Na eternidade, aqueles que se deixarem trabalhar pelo Oleiro-Mestre serão uma inaudita exibição das Suas mãos.

Estarão lá presentes caracteres embelezados pelo transformador toque do Oleiro-Mestre.

Cada um de nós pode encontrar-se naquele grupo, se deixar que Deus, o Oleiro-Mestre, o *faça de novo*.

BIBLIOGRAFIA

Frédéric (Louis): Manual Prático de Arqueologia; Coimbra, Livraria Almedina, 1980

Revista Arqueologia n.º 8 Dez.º 1983 «Dicionário de Fichas», tema «Cerâmica Medieval (Baixa Idade Média)»

Revista Arqueologia n.º 6 Dez.º 1982 «Dicionário de Fichas» temas «Ânfora» e «Terra Sigillata»

Pease (Norval F.): Meditações Matinais; Brasil — S. Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1970, pág. 198

Silva (Peixoto da): Coletânea de Mil Esboços para Sermões; Brasil — Rio de Janeiro, Empresa Nobre de Publicações, Lda. 1967 sobre o tema «Fé».

1 Isaias 64:8

2 Ellen White: Mensagens Escolhidas, vol. I, pág. 350

3 Ellen White: Mensagens Escolhidas, vol. II, pág. 392

4 Isaias 59:2

5 Isaias 64:6

«Nas mãos do Oleiro»

Trabalha o oleiro
animado, solícito e contente,
representando em sua mente
a bela forma que idealizou.
O dia inteiro
ele revolve, preme, amolda a argila,
deixa-a repousar e volve a
comprimi-la.
Até que afinal moldou e remoldou.

Era um vaso de estilo, delicado,
que lhe andava a sorrir na
inspiração.

Ânfora estética
em que a poética
imaginação
do artista
se havia aprimorado
para a conquista
de um digno laurel!

A argila, no entanto, é áspera,
infiel
ao toque dos seus dedos sábios:
barro insubmisso que se parte
aos polimentos da arte...
E o sorriso do oleiro morre-lhe nos
lábios.
De súbito, porém, o rosto se
ilumina:
Fará um vaso de obra menos final!

Se eu sou em Tuas mãos, Senhor,
um barro duro
sem plasticidade,
Com teu servo nunca assim Te
canses
que ao monte de refugio, enfada-
do, me lances.

Se não posso ser a ânfora elegante
faz-me cântaro simples, não
obstante
útil e fiel em sua simplicidade;
a todos ofertando d'água fresca e
boa
que refrigera, limpa e abençoa.
— Água viva da Fonte de Jacob
vivificando a planta estiolada ao pó.

Autor Desconhecido

HORA TRANQUILA

Apelo

Prezados Irmãos da
HORA TRANQUILA,

Chegou-me há dias uma carta-apelo anónima de uma alma indecisa que pede que oremos fervorosamente por ela, pois embora frequente uma das nossas igrejas, quicá será membro dessa igreja, sente que está sendo bastante provada pelo Senhor. Segundo as suas próprias palavras: «Sinto a indecisão em várias facetas da minha vida e neste momento sinto uma confusão enorme de ideias baralhadas que me levam à indecisão». ...«Não consigo tomar uma posição definida, portanto agradeço-vos muitíssimo que orem por nós».

Esta alma pede que oremos por ela e outra alma, creio da sua família, e dá apenas as iniciais de ambas: F. S. e M. S..

Creio, irmãos, que este é um reto que não devemos deixar despercebido. Se houver irmãos que queiram testemunhar a estas almas que estão orando por elas, tenham a gentileza de lho fazer saber, escrevendo para mim, a fim de que eu publique esse vosso testemunho. Talvez um pequeno testemunho de alguma experiência vossa possa ajudar a encorajar estas almas.

Irmãos e Irmãs a HORA TRANQUILA não morreu. Está viva e precisa de ser reactivada ainda mais. Queiram fazer o favor de nos escrever e dar as vossas notícias e experiências para que as publiquemos na nossa querida Revista Adventista e isso sirva de encorajamento a outros irmãos.

Não se esqueçam: A hora de orarmos é às 7,00 h e às 19,00 h de cada dia. Se algum irmão achar conveniente orar noutras horas queira fazer o favor de no-lo anunciar a fim de que outros adiram também a essa hora, por lhes ser mais conveniente.

Coragem irmãos e irmãs e fé no Senhor. Ele é o nosso refúgio e socorro sempre presente, particularmente nos momentos de angústia e perplexidade.

Que o Senhor seja com todos vós. O vosso irmão em Cristo,

M. N. Cordeiro

Até que Ponto a Morte de um Cristão Afecta a Deus

STEPHEN ADESSA

Subitamente a verdade atingiu-me: Deus sentiu mais a falta do meu pai do que eu próprio.

«Porque é que Ele a tirou? Porque é que Ele tirou a minha pequenina Laura?» As palavras são ditas com ira e frustração. A face da mãe ainda jovem mostra a sua intensa agonia, ao mesmo tempo que abana a cabeça de um lado para o outro, apertando as suas mãos. Naquele momento nem as maiores explicações a convenceriam de que Deus compreende. «Deus, por que me tiraste a minha Maria? Ela era uma boa mãe e esposa. Porquê, meu Deus, porquê?» Um pai jovem, olha para a sala de costura vazia, e para o vestido que nunca mais será terminado. Com entorpecimento, toma a sua Bíblia, e lê um texto sublinhado há pouco tempo, um texto que dá testemunho da última coisa que ela leu, antes de ser apanhada por um camião numa estrada estreita da província.

«Ele era um homem tão bom. Não compreendo porque Deus o havia de tirar tão súbitamente». Uma idosa viúva limpa a sua cara, molhada pelas lágrimas pela centésima vez. Era a minha mãe.

Enquanto eu estava assim triste e sentindo muita dor, pela morte súbita do meu pai, comecei a pensar acerca dos sentimentos de Deus. **ATÉ QUE PONTO A MORTE DE UM CRISTÃO AFECTA A DEUS?** Sabendo o que a Bíblia ensina acerca da morte:

João 11:11-14
Actos 7:59, 60
Actos 9:5, 6

fiquei a saber que Deus não poderia mais comunicar-se com o meu pai assim como eu. O meu pai já não podia mais pensar, falar, ouvir ou recordar. E por esta razão Deus também tinha perdido um amigo.

Subitamente a verdade atingiu-me: **DEUS SENTIU MAIS A FALTA DO MEU PAI DO QUE EU PRÓPRIO.** Porquê? Porque Deus conhecia-o melhor do que eu. Ele vivia em Marilândia e eu no norte da Pensilvânia. Via-o uma vez cada seis semanas ou menos ainda. **DEUS VIA-O 24 HORAS POR DIA.** Eu falava com ele por telefone cerca de 4 vezes por mês, **MAS DEUS E O MEU PAI FALAVAM JUNTOS TODOS OS DIAS.**

Quando criança, lembro-me de ver o meu pai, várias vezes de joelhos, a ORAR. Algumas vezes ele orava já passava da meia-noite. Quando morreu, Deus ficou com uma pessoa a menos neste planeta

hostil, com quem falar.

Penso nos homens da antiguidade que viveram perto do seu Criador. Abraão era «UM AMIGO DE DEUS». Tiago 2:23.

Eles eram amigos tão íntimos que uma vez Deus disse-lhe:

«ESCONDEREI DE ABRAÃO O QUE EU ESTOU PARA FAZER?» (Génesis 18:17).

Quando Abraão morreu, acredito que Deus sentiu mais agudamente a sua perda do que Isac, filho de Abraão, quando chorava na cova de Macpela. Deus deve ansiar pela ressurreição, para ver outra vez o seu amigo Abraão.

O que teria sentido Jesus quando a sua mãe Maria morreu? Ela, também, dorme na sepultura, esperando a chamada do Doador da vida. Como eu, Jesus também deve ansiar pela ressurreição para poder abraçar a sua mãe, num encontro feliz. O que pensais que o nosso Senhor sentiu quando viu os Seus amados discípulos serem mortos um por um, até ficar somente João — o único dos doze?

Eu imagino Jesus olhando com saudade para as sepulturas de NOÉ, DAVID, JOÃO BAPTISTA, PEDRO, PAULO, MARIA, MARTA e os MÁRTIRES. Vejo-O a olhar para os lugares silenciosos de descanso dos milhões que costumavam andar e conversar com Ele.

Penso em Enoque, o patriarca antediluviano que andou com Deus (Génesis 5:24). Havendo tantas pessoas que seguem os seus próprios prazeres e ignoram a Deus, o nosso Salvador deve ter entesourado os passeios que Ele e Enoque fizeram juntos. Talvez a ideia de um dia Enoque partir fosse demasiado dolorosa para Deus suportar. Um dia, disse-lhe ardentemente: «ENOQUE, ANDAMOS JUNTOS TANTO TEMPO. NÃO QUERO QUE ISSO TERMINE. NÃO POSSO DEIXAR-TE MORRER. VEM PARA O LAR COMIGO; ASSIM SEMPRE ESTAREMOS JUNTOS». Então os dois seguiram com rapidez para o PARAÍSO e Enoque tornou-se o PRIMEIRO dos dois a quem nunca Deus teve de dizer ADEUS.

Nunca mais me interroguei sobre quanto Deus sente com a morte de um cristão. Acredito que Ele sente mais a falta do Seu povo do que nós. Quer eles sejam apanhados por uma morte súbita e trágica ou sucumbam a uma lenta doença, Deus sente o vazio da sua passagem. Quanto mais eles O amam, tanto mais Ele sente a sua falta. Muitas vezes, tenho desejado saber porque se realizaram em dias chuvosos a maior parte dos funerais a que assiti. Seria que do Céu estavam caindo as lágrimas de Deus, misturando-se com as nossas próprias? — *Da Adventist Review, 4 Março 82. Traduzido por Isabel Nobre Cordeiro.*

STEPHEN ADESSA

Pastor evangelista em Frederickburg, Virgínia, Estados Unidos da América

O Céu Sim! É Importante

GERALD COLVIN E RAY N. MONTGOMERY

Incitados pela conclusão de um escritor de que o céu não importa, os autores trataram de imaginar como seria o céu, na realidade.

Recentemente, enquanto dávamos uma vista de olhos numa revista de ampla circulação, encontramos um artigo intitulado «O Céu não importa». Nesse mesmo artigo sugeria-se que deveríamos viver agora da melhor maneira possível, porque 'o futuro é inconsequente'. A ideia do autor era de que o céu era constituído por nuvens, arpas, e por um vaguear contínuo num estado de letargo divino. Não é difícil de compreender porquê a ele não lhe importa o céu; mas incitados pelo seu tom condescendente, começámos a imaginar como será exactamente o céu à luz da revelação. Que actividades e ocupações poderemos ter? Qual será o aspecto da eternidade? Que potencial humano se desenvolverá? A Bíblia declara que cresceremos como bezerras da manada. Os bezerras crescem rapidamente, chegando à idade adulta em mais ou menos 18 meses... As folhas da árvore da vida aparentemente produzirão uma transformação extraordinária que desenvolverá os seres humanos, em pouco tempo, até à estatura original de três metros. A pequena estatura física e mental, que é produto de seis mil anos de pecado, será corrigida. Os temores e os complexos que nos invadiram, também desaparecerão. Não só cantará a língua do mudo, mas mesmo a linguagem normal se transformará, para ser mais rica e musical. Já não teremos que procurar as palavras porque toda a gama do vocabulário perfeito do céu estará ao nosso alcance para uso instantâneo. Agora empregamos apenas uma fracção do cérebro. Mas no céu, abrir-se-ão novas avenidas do pensamento, e estabelecer-se-á

GERALD COLVIN

Chefe do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Southern Missionary College, Tennessee, Estados Unidos

RAY N. MONTGOMERY

Actualmente reformado, trabalhou na Universidade de Loma Linda, Califórnia

uma multidão de novos canais de interligação nervosa, de modo que cada palavra que escutarmos, além de ser retida pelas células de armazenamento, poderá ser recordada imediatamente. A nossa capacidade para seleccionar e combinar factos importantes será instantânea e perfeita. A acumulação de conhecimento será ordenada, classificada e catalogada, constituindo mentes enciclopédicas. «Livres das cadeias da mortalidade, lançam-se em voo incansável em direcção aos mundos distantes», diz E. White no *Conflito dos Séculos*, p. 736. Quando visitarmos as remotas galáxias do universo, os anjos nos ajudarão a decifrar o enigma do desconhecido, das nebulosas, das estrelas duplas, dos buracos negros. Os grandes impérios do espaço que existem desde algum momento da eternidade, contêm civilizações perfeitas com seres mais sábios do que aqueles que a nossa mente pode imaginar. Os ordens sociais de uma raça transcendente possuem a glória superior do pensamento completo. Possuem a colheita feita em investigações e indagações contínuas, ao longo de múltiplas eras.

Visitaremos mundos antigos que não foram tocados pelo mal, onde a morte nunca mostrou a sua mão venenosa, onde as coisas não crescem até envelhecer mas sim para melhorar, para engrandecer-se e embelezar-se com o decorrer do tempo. Entraremos em contacto com civilizações que chegaram à existência num estado superior, compostas por seres formosos e extremamente felizes, filhos de Deus que contemplaram com tremenda inteligência o momento em que foram feitos os fornos atómicos do sol e que puderam compreender algo da dinâmica utilizada para a criação do sistema solar. Ali encontraremos gozo e música sem igual, pois a vida sempre se desenvolveu em ambientes perfeitos, livres dos efeitos nefastos do pecado. Estar ali, será o maior deleite, num ambiente extremamente ideal e misteriosamente maravilhoso.

Conversaremos com pessoas perfeitas, enriquecidas com uma cultura completa e multifacetada no marco da atmosfera que provê o tempo sem fim, e com o constante desenvolvimento da arte e da ciência não manchadas pelos conflitos.

Haverá planetas sem um só hectare de deserto ou pântano, sem uma única enfermidade ou sinal de deterioração. Planetas onde cada cena é um prazer para os olhos, cada flor um modelo de beleza e cada árvore uma torre majestosa movida pela brisa eterna. Nesses planetas encontraremos as belas galerias da verdade personificada, onde correntes límpidas e cristalinas atravessam encantadores jardins, e onde, por cima de tudo isso, se estendem céus cor de turquesa, dos quais é irradiada com brilho prismático a luz dos sete sóis. Como nunca chegaremos a assistir às aulas da Universidade do Céu, penetramos na Era do Intelecto. Não necessitaremos de frequentar apressadamente os nossos estudos secundários para depois entrar na louca vida universitária, pois teremos ante nós toda a eternidade. A seu devido tempo compreenderemos uma ciência após outra. Quando as aulas terminarem, cada dia, poderemos caminhar pela vereda aberta pela redenção de nosso Senhor, junto ao majestoso Rio da Vida. As areias diamantinas nas margens do rio resplandecerão com todo o seu brilho enquanto os nossos olhos contemplarão ao longe as grandes formações de safiras, rubis, ónix e esmeraldas. Ao olhá-los com cuidado, veremos que estão entrelaçados com ouro, platina, prata e outros minerais preciosos que ainda não conhecemos.

Quando tentarmos medir os confins do infinito, a sua largura e o seu comprimento, descobriremos que as imensidades do espaço e a eternidade sempre estarão mais e mais além. Só poderemos compreender debilmente a magnitude da criação de Deus e as nossas novas faculdades apenas servirão para captar a maravilha de tudo isso.

Essa é a recompensa dos remidos. O Céu sim! É importante.

Endereços de Igrejas:

VIANA DO CASTELO:

Bairro da Socomia, lote 7 r/c

VISEU:

Çaçada do Viriato, 3

NOTÍCIAS

do campo

Congresso Regional de Elvas

«Gostei. Valeu a pena!»

Uma expressão curta, mas entusiasmada, proferida por alguns dos assistentes que resume o pensamento da maioria dos cerca de 150 congressistas vindos das Igrejas de Évora, Ribeira de Nisa e Portalegre incluindo todos os seus grupos periféricos, os quais invadiram a linda cidade de Elvas no dia 22 de Junho passado, para participarem no seu Congresso Regional.

Tinha-se orado muito para que este Congresso fosse uma bênção, e na sua grande maioria os seus objectivos foram alcançados, tornando-o um «Encontro Espiritual» dos crentes desta região alentejana.

O grande encontro teve lugar num magnífico salão gimno-desportivo do Centro de Trabalhadores do Bairro da Boa-Fé.

A Igreja local, através do seu responsável e da Irmã Adília Tenório, deu as boas-vindas aos congressistas, cabendo a esta irmã o início das actividades daquela linda manhã de sábado, bastante quente e inundada de sol.

32 crianças se reuniram numa sala contígua para estudo da sua lição enquanto o Pastor Manuel Ferro animava a classe da Escola Sabatina dos adultos.

Vivemos o ponto mais alto desta manhã ao nos ser dirigida uma veemente exortação a sermos mensageiros da verdade, apresentada pelo nosso visitante, Pastor José Manuel de Matos, que se deslocou do Porto especialmente para o efeito, pontualmente, ao longo de toda a história da humanidade, chegando até nós e passando pelo papel que cada um deve desempenhar.

O almoço, de franco e feliz convívio, foi vivido em local aprazível, com espaço, árvores frondosas, água e casas de banho, que o Sr. Presidente da Câmara de Elvas pôs à nossa disposição, num gesto de verdadeira gentileza.

A tarde começou com uma saída missionária que cobriu a cidade com um convite para a conferência da noite. Foi uma alegria ver um autocarro de 59 lugares lotado com uma maioria de jovens, fora aqueles mais idosos que fizeram a pé o próprio Bairro da Boa-Fé.

Das 16 horas e 30 minutos às 19, viveram-se momentos de entusiasmo, ao seguirmos o programa musical sugerido pela União, de nos integrarmos no Ano Europeu da Música. Participaram coros de todas as Igrejas devendo ainda ser salientada a visita e participação muito amável, nesta tarde musical, do grupo e do coro da Igreja do Barreiro e de um trio de Se-

túbal. Salienta-se ainda a presença da Igreja vizinha de Badajoz, cujo pastor nos apresentou uma curta meditação alusiva ao Ano Europeu da Música e à integração dos Jovens Adventistas neste plano face à Palavra do Senhor.

Foi o Pastor José Manuel de Matos quem, pela oração, encerrou com chave de ouro este encontro espiritual das Igrejas da região de Elvas.

Quanto à conferência Pública da noite, tudo foi feito para que tivesse havido bons resultados, mas assim não foi.

Durante uma semana a Rádio Elvas anunciou — gratuitamente — esta conferência e, do mesmo modo, os dois jornais locais a anunciaram. Infelizmente, o programa televisivo àquela hora e as actividades desportivas da cidade e do próprio Centro Desportivo, contribuíram para isso. Mesmo assim, cinco preciosas visitas assistiram a esta Conferência, cujo orador foi o Pastor Matos.

Em síntese estavam os problemas da alimentação errada, do álcool e do tabaco, apoiados com diapositivos, medição de tensão no próprio local. Para o efeito prestou-se a colaborar o grupo musical e instrumental do Barreiro.

Como foi dito, graças a Deus que os objectivos principais deste congresso foram conseguidos. Todos os irmãos e amigos que ali se deslocaram partiram dali felizes por um dia vivido numa verdadeira espiritualidade e comunhão fraternal.

Mário Cabral dos Santos

Pastor das igrejas de Portalegre, Ribeira de Nisa e Grupo de Elvas.

Convite para um passeio nas margens do Rio Douro

Os tempos passaram e hoje em dia quase podemos dizer que não existem distâncias. A facilidade de transportes e outras mais aproximaram as pessoas e os lugares. É por isso que este convite para um passeio nas margens do Douro não só é dirigido aos leitores que vivem no Norte mas é para todos os que lerem estas palavras.

O Douro é um rio caudaloso que vem das terras de Espanha. Entra em Portugal e vai banhar as terras famosas das uvas durienses. Ora largo ora estreito, serpenteando aqui e além, ora dócil e manso ora rasgado por ímpetos galgando o leito e quase feroz, o Douro é um verdadeiro espectáculo da Natureza para quem o conhece bem. As suas margens são lindas,

sempre verdes, esbeltas, abundantes de sombra e de vigor. A estrada da margem norte acompanha o rio. É muito agradável deitar uma vista de olhos pela janela do carro enquanto se viaja. É agradável parar de vez em quando, talvez para ver a barragem de Lever-Crestuma, dar uma voltinha junto ao rio Sousa, ir contemplar o Douro num dos miradouros da estrada, ou passear na ponte de Entre-os-Rios, onde o Douro e o rio Tâmega se juntam e, numa simbiose perfeita, avançam agora na direcção do mar, na direcção do Porto.

Bom, mas o passeio do Douro não termina aqui. Depois de termos passado Entre-os-Rios, povoação simpática e hospitaleira, avançamos talvez uns 10 quilómetros e chegamos a Alpendurada. Nesta terra estamos construindo uma nova Igreja. Vim de lá ontem e fiquei de novo admirado com o que tem sido possível fazer nos últimos meses. Gostaria de vos dizer por que fiquei tão admirado. Naquela localidade temos um pequeno número de crentes. Teremos ali 25 pessoas, contando já com as visitas? A maior parte são de poucos meios. Alguns já são idosos. Como foi possível, então, edificar pouco a pouco aquela obra? À força de tenacidade, de esperança, de coragem, de querer. Um querer forte. À força, também, da generosidade de algumas pessoas que têm ficado impressionadas com o querer forte dos nossos irmãos e que têm dado as suas contribuições, umas bem modestas, outras mais generosas, mas todas juntando-se para transformar o lindo sonho dos nossos bons irmãos numa realidade, cada vez mais convincente à medida que o tempo vai passando.

A fotografia que acompanha esta notícia foi tirada na primavera/85. Agora, no início deste Outono já existe o telhado. Está ainda um pouco rude na aparência; um pedaço agreste. É preciso continuar. Há muita coisa a fazer lá por dentro e talvez, depois, dar um melhor aspecto cá por fora, para que não cause má impressão aos que vão pela rua fora. A cada instante hesitamos em prosseguir, porque o dinheiro vai desaparecendo como que se esgota. Mas depois lá aparece uma oferta daquilo ou daquilo; às vezes contávamos com ela outras vezes vem de longe, nem pensávamos que alguém lá tão longe se lembraria de nós aqui nas margens do rio Douro, em Alpendurada. Vamos parar um pouco a obra ou vamos continuar? Isso não depende da Câmara, não depende das pessoas para fazerem o trabalho, não depende daqueles que naquela terra não gostariam de ver uma igreja adventista. Tudo isso já está ultrapassado. Esses «gigantes» — que o foram no passado — já caíram por terra. Parar ou continuar depende de nós. Talvez, um pouco, também de si, caro leitor.

O rio Douro continua na sua perene viagem rumo ao mar. Porque não fazer planos e vir até aqui dar um passeio? O Norte é sempre verdejante. Aqui temos bons amigos adventistas. São simpáticos e hospitaleiros. Podereis dar um belo passeio nas margens do rio Douro e podereis seguir até Alpendurada. Orar naquele lugar. Ver o resultado do esforço, da esperança e da coragem dum punhado de irmãos e jovens. Cantar ali um hino de louvor a Deus, na certeza de que hoje como outrora o Senhor pode inculir nos seus filhos o entusiasmo de construir, edificar, para o avanço da Sua causa na Terra.

José M. Matos
Pastor das Igrejas de Oliveira do Douro e Alpendurada

Acampamento de Famílias

Realizou-se, de 1 a 11 de Agosto, o meu esperado Acampamento de Famílias, com cerca de 70 pessoas presentes, sendo a maior parte jovens e crianças.

Este acampamento contou com a direcção do Pr. Daniel Simões Silva, que pastoreia as 3 igrejas de Aveiro-Sul, e que também teve a seu cargo as reuniões espirituais da tarde. Sua esposa, ir.^a M.^a del Carmen, que é educadora de Pedagogia, dirigiu três reuniões culturais da noite: Higiene Pessoal, Educação Familiar e Higiene Alimentar, ilustradas com diapositivos. O Pr. José C. Costa colaborou na administração e no sermão de Santa Ceia. Por fim, o ir. Gilberto, que veio do Brasil como estudante missionário, encarregou-se das crianças.

Noutras actividades, foi preciosa a participação de vários irmãos, nas higienes, nas reuniões sociais, etc. O seu auge foi atingido na realização da «Festa da Família» que teve jantar servido pelos jovens em mesa-coração, no remodelado Pavilhão, engalanado por dedicadas irmãs. Seguiu-se um serão bem humorado, com filmes, «Jornal» e prendas aos melhor «comportados». Como há irmãos de talento!...

As reuniões da tarde tiveram por tema central: «a Recreação na família». O Pr. Daniel procurou primeiramente fazer a separação entre a recreação cristã e as diversões do caminho largo. Depois detivemo-nos sobre a importância e urgência de tomarmos tempo para estar juntos, em família, não só para a recreação física, mas também para «estarmos à parte com Jesus», na recreação espiritual. Realmente, muito foi o que aprendemos e debatemos em grupos ou em conjunto, e que, posto em prática, daria muito mais felicidade a todos os casais e respectivos filhos.

Dentro do programa espiritual não podemos esquecer a Santa Ceia, à luz das velas, e em mesa em forma de U, ao som da música jovem e da poesia que nos tocou bem fundo. Não olvidamos as mensagens dos cultos de Sábado: «Esta Esperança de Salvação» e «Cavalo de Tróia dentro da Família de Deus?» que o pastor nos apresentou, e ilustrou com um cavalo donde saíam soldados inimigos para atacar e derrotar a Cidade de Deus. Mas com Cristo, nosso Comandante, venceremos. Que o Senhor ajude a sua Família e a Sua Igreja nesta luta contra o mal!

No último Sábado, tivemos ainda um importante debate sobre: «Recreação e Disciplina», que contou com a participação especial do Dr. Carlos Pullero, do Colégio de Madrid, e se encontrava de passagem naquele fim de semana.

E aquele dia santo finalizou com o culto de pôr-do-sol, na praia. O pastor Simões da Silva apresentou-nos o último tema: «Qual a recreação na Nova Terra?» Orámos em 3 círculos concêntricos, na expectativa da recreação celeste, e com o sol no horizonte cantámos: «Para além do sol eu tenho um lar, belo lar...»

E a noite veio, com ela a fogueira, o café quente, e o descaço, para partirmos na manhã seguinte com a saudade, a vontade de regressar, e um sentimento de gratidão a Deus e à direcção deste Acampamento de Famílias.

Luís Ferreira
Carregal do Sal

Aguardando a Ressurreição

Após longo período de sofrimento, no dia 17 de Fevereiro do corrente ano, adormeceu no Senhor, com a idade de 94 anos, a nossa querida Irmã Amélia Freitas.

Partindo para o seu repouso, deixou-nos a esperança de voltarmos a tê-la connosco naquele Grande Dia e por toda a Eternidade.

Às suas Irmãs e Sobrinha, nossas Irmãs Alice Santos e Lily Santos Frias, repetimos as sobejamente conhecidas mas valiosas palavras de Jesus: «Bem-aventurados os mortos que desde agora dormem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos e as suas obras os sigam.»

A todos os demais familiares da saudosa Irmã Amélia Freitas, abraça com amizade a Igreja de Queluz.

Maria Augusta Pires
Assistente pastoral da Igreja de Queluz

José Armando Pinto Ribeiro



Foi com profunda tristeza que recebemos, aqui no LAPI, a notícia do falecimento do nosso querido irmão José Armando Pinto Ribeiro. Tinha 48 anos de idade.

Faleceu no Hospital de S. José, em Lisboa, no dia 5 de Junho de 1985, efectuando-se o seu funeral no dia 6, pelas duas horas da tarde, para o cemitério de Benfica, onde ficou sepultado, aguardando a ressurreição dos justos, que há-de ter lugar no glorioso dia da gloriosa vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A sua esposa e suas duas filhas agradecem a todas as irmãs e irmãos o carinho e as atenções que manifestaram durante a sua doença, tanto a ele como a elas, a quem a Igreja do LAPI endereça pêsames e simpatia.

Pela Igreja do LAPI, Salvaterra de Magos,

J. J. Laranjeira
Secretário

«Dormindo no Senhor até que Ele venha»

O dia 19 de Julho, pelas 6,30 h foi de tristeza, pesar e consternação pois, os olhos da nossa querida irmã *Margarida Silveira*, fecharam-se para a vida deste pobre e caótico mundo.

Esposa do pioneiro Terceirense João Gualberto Silveira, já falecido, ela era a crente mais antiga da Igreja de Angra do Heroísmo.

Sofrendo de grave enfermidade, acabou por ficar retida no seu leito e, aí, finalizou os seus dias, apesar do amparo e dedicação da sua filha. A vontade do Senhor se cumpriu não permitindo sofrimento prolongado, apesar dos 82 anos lúcidos.

Velada e acompanhada por muitos amigos, crentes e familiares foi sepultada no cemitério de Angra do Heroísmo.

Os serviços religiosos foram dirigidos pelo Pastor José Luís Esteves com colaboração do ancião Carlos Ávila.

À sua filha e nossa irmã Mavilde Silveira reiteramos os mais sentidos pêsames mas, na certeza, de «o glorioso alvo-recer».

«Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor».

José Luís Esteves
Pastor Regional (Açores)

Centenária Adventista Faleceu



Nascida a 6 de Setembro de 1883 e baptizada na Igreja Adventista do Barreiro a 30 de Julho de 1955, faleceu com quase 102 anos, em 8 de Fevereiro de 1985, a saudosa irmã Augusta da Encarnação Brito.

Muito lúcida, apreciava a visita dos seus irmãos na fé, com quem conversava animadamente sobre a bendita esperança da salvação eterna. Também costumava cantar para as visitas, com voz forte e nítida, canções em espanhol, revivendo assim os tempos da mocidade, por ter trabalhado, quando jovem, em Espanha.

Durante trinta anos viveu e testemunhou a fé adventista, e nela morreu.

Aos familiares, especialmente sua filha e nossa irmã na fé Maria Augusta Guerreiro Brito, assim como a sua neta, em casa de quem viveu os últimos anos, apresentamos os nossos pésames e recordamos que poderão reaver a querida que agora perderam, se procurarem adorar o Deus a quem ela serviu, e como ela se prepararam para o dia glorioso da ressurreição.

Pela Igreja Adventista do Barreiro

Irene dos Santos Ferreira Moedas
Secretária

«Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; desperta e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos.»

Isaías 26:14

NOTÍCIAS do Mundo Adventista

Instituto Missionário Europeu 1985

A Igreja Adventista do Sétimo Dia levou este ano a efeito o 5.º Instituto Missionário Europeu. Teve lugar em França, no Seminário Adventista de Collonges e reuniu 45 participantes de 19 países da Europa e até de outros continentes.

Durante três semanas, de 12 de Agosto a 1 de Setembro, missionários recém-nomeados para irem a campos missionários e outros já experientes que se preparavam para regressar aos seus campos de trabalho, debruçaram-se em profundos estudos sobre missiologia e sobre os reptos que a década de oitenta nos apresenta.

O Dr. Borge Schantz, do colégio adventista de Newbold, foi o director deste Instituto, e como Adjunto trabalhou o Dr. Richard Lehmann, Deão da Faculdade de Teologia do nosso Colégio de França. Os dois conduziram um extenso programa, assistidos por outros especialistas em missiologia, tanto europeus como americanos.

As palestras foram apresentadas em inglês e francês e os participantes eram divididos em pequenos grupos de estudo para analisarem e discutirem o importante papel que o missionário tem de desempenhar em África, ou o trabalho nos países islâmicos, além de outros aspectos relacionados com o seu futuro trabalho. Teologia e antropologia bíblicas, o papel da Mulher, a vida familiar e a saúde, relações sociais, aprendizagem de línguas, regulamentos administrativos e de trabalho foram alguns dos assuntos estudados e discutidos durante este Instituto.

Cinco estudantes de pós-graduação de Newbold e de Collonges, que tinham um interesse especial em missiologia, assistiram ao Instituto Missionário como parte integrante do seu programa académico. No fim do curso, todos os participantes tiveram de apresentar um trabalho relacionado com o campo para onde iam trabalhar.

Dos participantes, 18 já tinham experiência missionária e preparavam-se para regressar aos seus campos de trabalho. Todavia, o curso revestiu-se de grande importância para aqueles que a ele assistiam exactamente antes de partirem pela primeira vez para um país de missões.

Embora todos os instrutores fossem pessoas altamente especializadas nas matérias que apresentavam e pudessem falar de uma experiência pessoal, o facto de haver no Curso missionários que iam regressar aos seus postos de trabalho foi um grande encorajamento para os que se

preparavam para uma primeira experiência missionária. O Instituto funcionou como reciclagem para os missionários que iam regressar às missões, como preparação adequada para os novos missionários.

O propósito do Instituto Missionário é reexaminar e reafirmar a missão da Igreja e definir o papel do missionário no cumprimento dessa missão.

Hoje em dia, muitos missionários vão para lugares onde já estiveram outros antes deles. Trata-se, digamos, de substituições. Alguns vão para reforçar o pessoal de um hospital ou de um estabelecimento de ensino. Outros são chamados a trabalhar como administradores em escritórios de União ou Divisão. Em geral, os missionários regulares ou o pessoal da ADRA preencherão lugares que outros deixaram vagos. Todavia, entre os nossos instrutores, havia alguns que podiam relatar experiências daquela espécie de missionários que todos gostaríamos de ser: o missionário-pioneiro-aventureiro que ia para territórios desconhecidos! O Dr. John Elick, professor de Antropologia Missionária na Universidade de Loma Linda, e sua esposa Marjorie falaram da sua experiência com os índios de Campo (montanhas do Peru) entre os quais viveram durante anos, em condições primitivas. O Dr. Gottfried Oosterwal, director das Missões Mundiais na Universidade de Andrews, viveu entre o povo Bora-Bora, uma tribo que antes nunca tinha visto uma pessoa branca. Esses é que eram dias!

Todavia, isso não quer dizer que o trabalho nas missões seja hoje menos estimulante ou menos importante. Construir sobre os alicerces que outros deixaram significa continuar no mesmo espírito que eles possuíam quando pela primeira vez pisaram esses solos desconhecidos, dado que estamos a obedecer à grande comissão do Mestre: «Ide e fazei discípulos de todas as nações.»

As três semanas do Curso foram intercaladas com aprazíveis viagens que nos permitiram conhecer os arredores de Collonges. Visitámos o cimo do Salève, que é a montanha em cujo sopé o Colégio está localizado, e que constantemente é «atacada» por alpinistas e planadores (asas delta); fomos ao Forte da Ecluse, uma fortaleza do séc. XIX, que levou 50 anos a ser construída. Os seus 1100 degraus e os vários átrios e salas tiveram de ser talhadas em rocha sólida, e foram causa de massagem para os músculos de muitos de nós. Houve, também, uma viagem de «três nações», a qual nos levou de França a Itália via túnel do Monte Branco, passando pelo magnífico vale de Aosta e saindo de novo pela grande passagem de S. Bernardo, percorremos as maravilhosas paisagens suíças e regressámos ao nosso ponto de partida.

Uma outra saída deu-nos a possibilidade de tomar contacto com a velha cidade de Genebra e com o seu importante papel na história da Reforma, além de um interessante encontro com membros da directoria do Concílio Mundial de Igrejas, cuja sede é, precisamente, em Genebra.

O grupo de famílias missionárias foi recebido pelo Dr. Eugene Stockwell, secretário da Missão Mundial, e pelo Dr. Emílio Castro, secretário-geral. O Concílio representa 300 denominações com 700 000 000 de cristãos de todas as partes do mundo. O Dr. Borge Schantz, em resposta às amáveis observações do Dr. Stockwell, explicou que nós, como Igreja Adventista, achámos que não devíamos unir-nos ao Concílio Mundial das Igrejas. Razões de ordem teológica, eclesial, administrativa e missiológica estão na base desta posição. Ele citou o regulamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que diz o seguinte:

«Reconhecemos cada instrumento que exalta Cristo diante dos homens como parte do plano divino para a evangelização do mundo, e temos em elevada consideração os cristãos, homens e mulheres, de outras comunhões, que estão empenhados em ganhar almas para Cristo.»

A Igreja reconhece que o Concílio Mundial de Igrejas é um parceiro com o qual deve dialogar, não sendo, porém, uma Igreja membro desse Concílio.

Os missionários que assistiram ao Instituto Missionário de Collonges encontram-se, neste momento, trabalhando em 14 países: Angola, Burkina Faso, Camarões, Etiópia, Gabão, Gana, Israel, Costa do Marfim, Madagáscar, Martinica, Paquistão, Ruanda, Serra Leoa e Zâmbia. Procuram, através da sua vivência missionária, seguir o exemplo de mansidão e humildade de Jesus, que disse: «Vim para servir...»

Ainda temos muito que aprender e muito que dar. Um Instituto Missionário, por mais importante que seja, é, foi para muitos de nós, apenas o primeiro passo de um longo caminho em que se há-de tropeçar, cair e levantar-se outra vez. O Instituto Missionário 1985 foi uma oportunidade de compreender melhor o seu chamado e reforçar o seu propósito de servir a Cristo numa cultura diferente da sua, pelo que terminou com um sentimento de profunda gratidão por parte dos que tiveram o privilégio de a ele assistir.

Herman J. Smit
Participante do Instituto
Missionário 1985

Novo Nome da Divisão Australasiana

Os membros do território da Divisão Australasiana votaram dar um novo nome à sua Divisão — um nome que tecnicamente fosse mais exacto e que designasse

claramente as igrejas e os membros desse vasto território, o maior em área. A Divisão denomina-se agora *Divisão do Sul do Pacífico*.

Dado que uma grande parte dos membros se encontra fora da Austrália, na Nova Zelândia e em dezenas de ilhas, o novo nome pode descrever com mais propriedade a grande família adventista dessa região.

O projecto especial das ofertas do 13.º Sábado do trimestre agora em curso destina-se, precisamente, à Divisão do Sul do Pacífico.

A Obra Adventista no Líbano

Existe grande preocupação acerca da nossa obra em Beirute, no Líbano, e especialmente sobre o que respeita ao Colégio Adventista do Médio-Oriente, localizada naquele país.

Embora até ao presente não tenha havido danos pessoais, roquetes desgarrados têm provocado grandes estragos, sobretudo nestes últimos meses. Três veículos sofreram pesados danos, ficando quase destruídos e houve muitos vidros quebrados com as explosões.

As perspectivas apresentam-se um pouco sombrias e há uma Comissão que está a estudar a melhor forma de levar a efeito as actividades escolares. Todavia, o consenso geral é que, apesar de tudo, se mantenha a presença da Igreja naquela região.

Retiro Espiritual dos Professores de Collonges

Dirigido pelo novo director, Claude Villeneuve, o corpo docente do Seminário de Collonges levou a efeito um retiro espiritual em Crêt-Bérard, no cantão de Vaud, na Suíça, de 1 a 3 de Setembro.

Num ambiente de sossego e paz, os professores estudaram velhas maneiras de aumentar a sua eficiência como educadores adventistas.

Como oradores convidados, estiveram presentes Ulrich Frikart, Pierre Lanarès e Pietro Copiz. Os temas que apresentaram centraram-se sobre o papel dos professores cristãos junto dos jovens, sobre autoridade e liberdade, alvos e objectivos da verdadeira educação cristã.

Fica no ar a pergunta: Qual é a mais importante tarefa do professor adventista? Preparar para o exame final?

A cerimónia de abertura do novo ano escolar em Collonges realizou-se no dia 8 de Setembro. John Graz, o recém-eleito Director de Comunicações da Divisão Euro-Africana, pronunciou a alocução de abertura. O seu tema foi «No mundo, mas não do mundo.»

No dia a seguir, teve lugar uma reunião informal destinada à apresentação e contacto de toda a família escolar, a fim de que todos se pudessem conhecer melhor.

Terramoto do México

Quando se ouviu a notícia do terrível terramoto que assolou a cidade do México, os crentes adventistas do mundo inteiro pensaram, certamente, na sua família espiritual daquela região. Perante tão grande tragédia, que teria acontecido aos nossos irmãos?

Um telegrama recebido pouco depois na sede mundial da Igreja, em Washington D.C., dizia que «os dias dos milagres ainda não terminaram», dando a entender que o Senhor operara em favor do Seu povo.

E de facto, embora haja algumas perdas humanas a lamentar — soubemo-lo depois — não há dúvida de que o Senhor, mesmo assim, interveio em favor dos Seus filhos. Israel Leito, director de Comunicações da Divisão Inter-americana informava que na cidade do México «as propriedades adventistas e todos os nossos irmãos se encontram bem».

Sérgio Moctezuma, director missionário da mesma Divisão, encontrava-se naquela cidade e ia precisamente a sair do seu quarto, num sétimo andar, quando foi atingido por cimento e cascalho, e caiu desmaiado. Graças a Deus, conseguiu recuperar os sentidos e sair do lugar em que se encontrava. Dirigiu-se para a sede da União, que ficava relativamente perto, e ali encontrou a «todos bem e o próprio edifício sem uma beliscadura».

Nessa altura, ainda não se sabia o que se passava com todos os nossos irmãos. Sabia-se, por exemplo, que a cidade de Guzman, perto de Guadalajara fora muito atingida. Temia-se pelos nossos irmãos e seus haveres. A igreja de Guadalajara não fora atingida.

Posteriormente, notícias transmitidas telefonicamente para Espanha, pelo pastor Juan Armas, e publicadas na R.A. espanhola, indicavam que tinham aparecido mortos 5 dos nossos irmãos e que continuavam desaparecidos 7, receando-se que tivessem perecido também, o que elevaria para 12 o número de perdas humanas. Referia também danos materiais — embora leves — em prédios pertencentes à Igreja, e relatava o caso da filha de uma nossa irmã colportora, a quem tiveram de amputar as duas pernas.

Embora o Governo mexicano seja auto-suficiente, concordou, desta vez, em aceitar auxílio externo, numa base de governo a governo. Um representante da ADRA internacional deslocou-se ao México, a fim de se inteirar das condições locais e organizar o auxílio adventista à população.

A ADRA, organização adventista para prestar socorro em casos de emergência, enviou imediatamente 3000 cobertores através de um avião da força aérea americana, que ali chegou a 24 de Setembro e dois dias depois chegou uma segunda remessa contendo tendas de campanha e medicamentos urgentemente necessários. Novos envios estão em curso.

A juventude adventista mexicana recebeu a responsabilidade de trabalhar no resgate de vítimas dos escombros de um grande edifício. Dali conseguiram tirar com vida cerca de vinte pessoas, e removeram muitos cadáveres. Calcula-se que 300 adventistas tenham estado envolvidos nestas operações e tenham salvo para cima de 150 pessoas. Foram levantados abrigos (tendas) e a ADRA tomou a responsabilidade de alimentar 1000 pessoas em dois centros, durante, pelo menos, 6 semanas.

O Governo mexicano pediu, entretanto, que organizações voluntárias privadas ajudem na reconstrução. Nós vamos continuar a prestar auxílio de emergência enquanto for necessário. E vamos também ajudar na reconstrução. O custo aproximado deste projecto será de 1 milhão de dólares (Esc. 170 000 000\$00).

A capacidade de resposta da ADRA, nesta emergência, dependeu — e depende sempre — dos dons dos crentes da Igreja Adventista, muitos dos quais verdadeiramente generosos. Uma escola fixou para si própria um alvo: arranjar dinheiro para uma casa. Algumas igrejas têm levantado ofertas especiais. Uniões, Associações e outras Divisões têm enviado ofertas para reforçar estes fundos de auxílio. A Divisão Euro-Africana colaborou imediatamente e enviou 25 000 dólares (Esc. 4 250 000\$00). Outras formas de auxílio estão sendo organizadas.

Muitos crentes ofereceram-se para ajudar e perguntaram o que poderiam fazer. A resposta foi: dar! Dar o mais generosamente possível. Se 200 000 pessoas dessem uma média de 5 dólares cada, teríamos o milhão necessário para este projecto imediato de auxílio. E poderíamos minorar o sofrimento de muitos milhares sem abrigo, e ajudar na reconstrução que em breve começará.

Esta é a razão porque a Igreja adventista, no seu sistema de Ofertas, levanta todos os anos uma oferta especial para as vítimas de Sinistros e Cataclismos. Quando surge uma emergência destas, todos os fundos são poucos. Mas é importante que como Igreja possamos fazer a nossa parte para aliviar o sofrimento do mundo. Foi aos Seus discípulos que Jesus disse: «Dai-lhes vós de comer...» E os que tiverem o privilégio de se encontrar um dia à

direita do Salvador ouvirão estas palavras: «Porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me» (Mateus 25:35 e 36).

Projecto Guam em Marcha

Apenas as chuvas torrenciais estão retardando a construção da estação de Rádio Mundial Adventista na ilha de Guam. A autorização definitiva foi ultimada em 25 de Julho passado. O voto favorável da Comissão do Planeamento Territorial põe assim termo a dois meses de contactos e entrevistas em que foram ouvidas diversas comissões e subcomissões.

Allen Steele, que durante alguns anos viveu em Lisboa na qualidade de Director da Rádio Mundial Adventista-Europa, (que então emitia a partir da Trans-Europa, em Sines), é o responsável do plano na ilha de Guam, onde já se encontra. Ele informa-nos que está tudo a postos para a construção, tendo já começado a implantação das antenas. A autorização formal chegou em plena estação pluviosa. O barro vermelho lodoso que rodeia todo o lugar — perto da aldeia de Agat — deixa impraticável qualquer passagem em dia de chuva e são precisos três dias de sol para o solo secar e permitir a continuação dos trabalhos. Mas a obra avança!

A permissão concedida pela Comissão do Planeamento Territorial de Guam coroou dez meses de aturados esforços e foi agora seguida pela licença de construção que a mesma Comissão em conjunto com a Comissão Federal de Comunicações nos deu para a operação da estação de rádio adventista, a qual se propõe emitir 24 horas por dia. Inicialmente haverá quatro antenas de 91,5 metros e dois transmissores de 100 000 watts.

A estação de Guam, com capacidade para emitir em ondas curtas para toda a Ásia-Sibéria até ao Sri Lanka e irradiar a mensagem do Evangelho, é um projecto conjunto de todas as igrejas adventistas do mundo inteiro. Todos os seus membros se uniram para tornar realidade este grande empreendimento missionário. Em breve chegará a Guam um perito adventista, Bob Etchell, que vai dirigir a construção. O ir. Etchell é primeiro ancião na igreja de Healdsburgo, na Califórnia. Andrea Steele está preparando um programa com os estudantes adventistas das nossas escolas da Ásia. E Butch McBride prontificou-se a colaborar na formação de um *staff* técnico para trabalhar nesta Estação.

Assim, o Projecto Guam está em marcha!

Agradecimento pela Oferta Guam

A oferta mundial em favor do projecto Guam — o estabelecimento de uma estação de rádio propriedade da Igreja Adventista do Sétimo dia — obteve um magnífico sucesso.

A Divisão Euro-Africana teve a alegria de anunciar, logo no primeiro Sábado do congresso da Conferência Geral, que o seu objectivo de 800 000 dólares fora, não só alcançado, mas até ultrapassado em 15 000 dólares.



O resultado excepcional obtido no seio da nossa Divisão leva-nos a expressar a nossa profunda gratidão a todos os membros de igreja e amigos que participaram de maneira tão generosa nesta oferta especial. Esta generosidade, em alguns casos feita com sacrifício, é uma prova inequívoca de quão cara é aos filhos de Deus a proclamação da boa nova da próxima vinda de Jesus em toda e qualquer parte do mundo. Esperamos que dentro em breve o emissor de Guam esteja a funcionar e a irradiar sobre essas ondas longínquas as suas primeiras mensagens de esperança!

A nível mundial, o projecto Guam alcançou 3 938 270 dólares, isto é, no momento da Conferência Geral, em Nova Orleães, o alvo de 5 milhões de dólares não fora ainda totalmente alcançado. Isso deveu-se, em parte, à extraordinária subida do dólar no ano passado, o que dificultou que países com sistemas monetários mais fracos pudessem concretizar objectivos fixados em dólares, embora alcançando-os

em moedas locais. Mas a generosidade do nosso povo é grande: algumas ofertas especiais vieram completar financeiramente o alvo acima referido.

Mais uma vez, agradecemos aos nossos irmãos e irmãs que, através das suas ofertas, contribuíram para a realidade deste projecto evangélico mundial.

E. Ludescher

J. Zurcher

E. Amelung

(Oficiais da Divisão Euro-Africana)

Continuação da pág. 3

Há um vestuário para cada ocasião e isso deveria ser exemplificado pelos adultos e jovens.

Creio que, em resumo, foram estas as sugestões e críticas apresentadas.

Que cada responsável tire delas as lições que podem melhorar a sua igreja e as suas próprias actividades.

«Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu. Os cânticos de louvor, a oração, a palavra ministrada pelos embaixadores do Senhor, são os meios que Deus proveu para preparar um povo para a assembleia lá do alto, para aquela reunião sublime à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida.» — Testemunhos Selectos, vol. II, p. 193.

Que as nossas igrejas possam realmente cumprir a missão para que foram instituídas, sendo lugares de refúgio, de consolação, de evangelização e de santificação, preparando-nos para a eternidade!

J. Morgado

EXORTAÇÃO À SANTIFICAÇÃO DO SÁBADO

PREPARAÇÃO PARA A CRISE FINAL

No início do novo ano de actividades, está previsto um programa especial em todas as igrejas. Para isso vamos ter à nossa disposição estes dois importantes livros.

[Preços especiais até ao fim do ano]

**Preparação para a Crise Final
Guia de Estudo
Exortação à Santificação do Sábado**

Pedidos à Sociedade Missionária local ou:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

Rua Salvador Allende, lote 18 — 2686 Sacavém Codex

Livraria:

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — 1199 Lisboa Codex

Semana de Extensão Missionária

Livro: Mundos Maravilhosos

Autor: **PHILLIP L. KNOX**



**PREÇO DE VENDA
AO PÚBLICO:
300\$00**

50% revestem para o Fundo de Extensão Missionária, que este ano, por voto da Divisão Euro-Africana beneficiará a nova Escola de Lisboa